



III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

O CENTENÁRIO DA PSICOPATOLOGIA GERAL DE JASPER E SUA RECEPÇÃO NA FILOSOFIA DA PSIQUIATRIA

Eduardo Sugizaki¹

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Goiânia, Goiás, Brasil

eduardosugizaki@gmail.com

Resumo: este trabalho pretende participar das comemorações do centenário da publicação da *Psicopatologia Geral* (*Allgemeine Psychopathologie*, 1913) de Karl Jaspers, com uma reflexão a propósito da recepção que o conceito de ‘compreensão’, nos últimos dez anos, por parte da psiquiatria ligada à tradição inglesa. Destaca-se, sobretudo, a discussão que a autodenominada filosofia da psiquiatria vem fazendo sobre o tema. Procura-se mostrar como a referida construção conceitual da obra de Jaspers continua no centro da discussão sobre a científicidade da psiquiatria. O conceito de compreensão é decisivo neste debate porque ele diz respeito à compreensibilidade racional da fala do psicótico. Desta rationalidade interna depende o acesso ao discurso do doente, a determinação do conceito de psicose, da sua fronteira com a normalidade psíquica e com o conceito de neurose. Por isso, o conceito de Jaspers é um dos tópicos centrais da divisão de águas entre a tradição psicanalítica (sobretudo lacaniana) e a psiquiatria, em termos psicopatológicos. Perseguiendo o objetivo de mapear, preliminarmente, o campo desta discussão, o texto oferece, a título de introdução, informações gerais sobre o que está se tentando constituir como ‘filosofia da psiquiatria’ e o lugar de Jaspers neste projeto. Em seguida, procura-se apresentar o modo como a filosofia da psiquiatria entende a fenomenologia de Jaspers. Finalmente, apresenta-se o modo como o filósofo da psiquiatria Tim Thornton, ao fazer um balanço das leituras de Jaspers na psiquiatria, destaca a obra do psiquiatra fenomenologista italiano Giovanni Stanghellini e o modo como este retoma o conceito de compreensão.

1. O debate atual sobre o conceito fenomenológico de compreensão em Jaspers: uma introdução

No centenário da publicação de *Psicopatologia Geral* (*Allgemeine Psychopathologie*, 1913), o tema da compreensão da anormalidade psicológica, segundo a propositura fenomenológica de

¹ Pós-doutorando em filosofia pela UNIFESP. Docente no Programa de Pós-Graduação em História da PUC-GO

Jaspers, encontra-se no centro do atual debate sobre o estatuto de científicidade da observação dos fatos psíquicos. Desde sua publicação, o livro exigiu revisões de posições, como as buscadas por Emil Kraepelin (1920). Hoje, continua mostrando-se fecundo, como se vê pelo interesse da filosofia da psiquiatria, que se pretende apresentar.

O conceito de compreensão, elaborado em *Psicopatologia Geral* e em artigos precedentes de Jaspers, continua no centro de posições tão inconciliáveis quanto fundamentais. De um lado, o campo psicanalítico, sobretudo na herança de Lacan, considera que os eventos psicóticos são tão necessariamente incompreensíveis com a compreensão empática, quanto distintos dos eventos neuróticos. Cair na ilusão de compreender os primeiros redundaria, no limite, na supressão da distinção conceitual entre psicose e neurose (Correa, 2011; Défossez, 2004). Na posição diametralmente oposta, Campbell (2001) propõe que os fenômenos psicopatológicos sejam inteligíveis, considerando-os com parte de um espaço alargado de razões. Este espaço, por sua disponibilidade à razão, inclui o que é comprehensível por empatia, conforme uma dívida confessada com a fenomenologia de Jaspers.

Deixando de lado a contribuição psicanalítica, sem a pretensão de tê-la em menor apreço, o presente trabalho irá se concentrar na apresentação, ainda que sumária, da posição geral no campo da filosofia inglesa da psiquiatria, acima representado por Campbell.

Ainda em caráter introdutório, cabe contextualizar a recente escola de pensamento que se busca conhecer, aqui. A instalação de uma filosofia da psiquiatria é iniciativa de filósofos que trabalham em colaboração com psiquiatras. O centro da escola é, primeiramente, inglês e, depois, americano, mas gravitam estudiosos de outras partes do mundo. Eles se congregam em torno da coleção *Perspectivas Internacionais em filosofia e psiquiatria (International Perspectives in philosophy and psychiatry)*, iniciada em 2003, pela Editora da Universidade de Oxford, mas também em torno da revista americana *Filosofia, psiquiatria e psicologia (Philosophy, psychiatry and psychology)*, da Editora da Universidade Johns Hopkins, que fundou a revista em 1994). Pela coleção, já saíram *Natureza e narrativa: uma introdução à nova filosofia da psiquiatria* (2003) e *Livro texto de Oxford sobre Filosofia e Psiquiatria* (2006), ambos coordenados por Bill Fulford. Mais recentemente, saíram *A filosofia da psiquiatria: uma companheira*, coordenado por Jennifer Radden (2007) e o livro de Tim Thornton (2007), *Filosofia essencial da psiquiatria*.

Em todo este material, há grande pluralidade de posições e seria mais apropriado considerar o todo da escola como articulada em torno do eixo “filosofia e psiquiatria” e, no interior dele, algo um pouco mais identificável pela partilha de grandes linhas de orientação teórica encontra-se o núcleo dos que se identificam com a expressão “filosofia da psiquiatria”. Os autores que se agrupam desta

forma podem ser, grosso modo, caracterizados pela adoção de duas balizas teóricas. De um lado, Jaspers oferece o quadro da articulação entre a psiquiatria e a filosofia, com a sua *Psicopatologia Geral*. Uma segunda baliza, a filosofia da psiquiatria encontrou-a na tradição anglo-americana da filosofia analítica da linguagem e, mais especificamente, as *Investigações filosóficas* de Wittgenstein. Neste breve trabalho, será explorada apenas a primeira das duas referências teóricas da filosofia da psiquiatria.

Cabe advertir que a propositura da disciplina ‘filosofia da psiquiatria’, no sentido de um setor da reflexão filosófica, é frágil, considerando a inexistência desta na tradição filosófica, a despeito de que a medicina, a psicologia e a psiquiatria sejam objetos clássicos da ciência de Aristóteles. No seu longo percurso, a filosofia criou disciplinas a partir de seu interior, a partir do que atentoumeticulosamente às ciências e os saberes em seu entorno, sem abandonar a independência do seu sobreovo. Consciente da fragilidade das coisas, Thornton (2007, p. 2), já na introdução do seu livro, reconhece que a “filosofia da psiquiatria é uma disciplina contestada”. Seria necessário acrescentar que, enquanto disciplina, ela é contestável.

Independentemente da aceitabilidade e da necessidade de se propor uma filosofia da psiquiatria, que não é um tema deste trabalho, interessa aprofundar o conhecimento da relação da escola de filosofia da psiquiatria com a fenomenologia de Jaspers. Isso será feito em dois momentos. Primeiramente, será apresentada a maneira como a compreensão fenomenológica é lida pela filosofia da psiquiatria para, em seguida, avançar em relação ao projeto que esta tem a propósito daquela.

2. O modo como a filosofia da psiquiatria entende a fenomenologia de Jaspers

Como Thornton (2007) fez um esforço de reunir e sistematizar os trabalhos anteriores da escola, sua obra oferece um bom guia de como Jaspers está sendo lido, o que se presta bem para nortear a apresentação que se segue (embora sejam também usados como referência artigos mais recentes que o livro de Thornton).

Para Thornton, Jaspers teve como principal adversária, em sua *Psicopatologia Geral*, a ideia de que doença mental é doença cerebral. Ideia representada, sobretudo, por Wilhelm Griesinger. Os psiquiatras do começo do século XX estavam procurando mudanças neuropatológicas que eles acreditavam pudessem explicar cada uma das psicoses.

Jaspers considerou este programa insuficiente e tornou-se um duro crítico da psicopatologia entendida estritamente como ciência natural. Segundo Max Weber, que considerou a sociologia como uma ciência híbrida, ou seja, como uma ciência que partilhava, parcialmente, a perspectiva das

ciências naturais, mas também a das ciências do espírito, Jaspers colocou a psicopatologia sobre esta dupla identidade constitutiva.

Thornton (2007, p. 91) considera que Jaspers realizou este projeto ao adotar uma distinção construída por Windelband, em 1894, entre ‘conhecimento idiográfico’ (para designar o conhecimento característico das disciplinas históricas que se baseiam no caso individual, no irrepetível) e conhecimento nomotético, que é o das ciências naturais, baseadas na legalidade dos fatos, que se depreende de sua repetição.

É sobre esta distinção que Thornton acredita que repousa a compreensão fenomenológica de Jaspers, pois esta busca os sintomas individuais. Diferentemente da medicina, entretanto, a psicopatologia não lida com sintomas objetivos, mas subjetivos.

Para Jaspers – segundo a leitura de Thornton –, o paciente narra para o médico (psiquiatra) suas ideias delirantes, falsificações da memória etc., que este deve entender não segundo o pensamento racional, que segue o sentido. O psiquiatra deve entender o paciente pela compreensão empática. A empatia é uma transferência de si mesmo, por assim dizer, na psique individual do outro, uma forma de participação na experiência da outra pessoa, mas não pelos mecanismos do pensamento lógico, usados na captação dos sintomas objetivos, na medicina clínica.

A primeira tarefa da compreensão empática e, como tal, da fenomenologia, é identificar, representar, definir e classificar o que há de específico nos fenômenos psíquicos. Esta tarefa deve ser desempenhada levando em conta tudo o que está presente na consciência do paciente.

O trabalho do profissional fenomenologista é, então, o de descrever os fenômenos psíquicos, procurando olhar sua gênese, as condições de seu aparecimento, suas configurações, seus contextos e seus possíveis conteúdos concretos, comparando-os.

Esta tarefa deve evitar passar do que se vê para o que se imagina e se supõe, tal como Jaspers via Sigmund Freud fazer. Assim, fenomenologia é o descartar de todos os constructos teóricos sobre processos cerebrais explicativos dos fenômenos psíquicos como mitologia. Thornton destaca que esta lição de Jaspers foi ouvida apenas a partir da terceira edição do DSM (*Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*), o que sublinha a participação da *Psicopatologia Geral* no processo histórico da prática psiquiátrica recente.

Para Thornton, Jaspers diferencia a compreensão genética da estática. A primeira é a que leva em conta a conexão entre as significações, ou seja, a sucessão das experiências psíquicas, tal como emergem sequencialmente à consciência. Apenas a compreensão estática seria propriamente fenomenológica, já que esta, completamente distinta da compreensão genética, trata cada evento

psíquico isoladamente. A compreensão genética, ao contrário da estática, lida com conexões racionais e lógicas e não requer empatia.

A compreensão estática lida com humores, desejos e medos. Não diz respeito à compreensão do que a pessoa diz, mas daquele mesmo que fala.

É a compreensão estática que nos leva para as conexões psíquicas nelas mesmas e é, portanto, a única compreensão propriamente psicológica. Ou, mais especificamente, a compreensão empática é a psicologia ela mesma.

Uma vez apresentada a maneira como a filosofia da psiquiatria lê a fenomenologia de Jaspers, cabe perguntar pelo programa no interior do qual ela faz esta leitura. Afinal, onde quer chegar a filosofia da psiquiatria?

3. A direção da filosofia da psiquiatria, na herança de Jaspers

Já se disse, na introdução, que, na direção da psicanálise, sobretudo lacaniana, a via da compreensão fenomenológica (de tipo proposto por Jaspers) está barrada. Não é objetivo aqui apresentar as razões disso, embora uma leitura de confrontação entre a filosofia da psiquiatria e a psicanálise, a propósito da compreensão empática, pudesse ser altamente instrutiva, o tema precisa ser postergado. De qualquer forma, importa lembrar, aqui, a posição da psicanálise porque a diferença da filosofia da psiquiatria se destaca. O projeto da filosofia da psiquiatria é estender o programa de Jaspers, ou seja, procurar modelos que pudessem estender a compreensão dos fenômenos psicóticos, inclusive para além dos limites fixados por Jaspers. A filosofia da psiquiatria quer compreender aqueles aspectos da psicopatologia que Jaspers considerou incompreensíveis.

Thornton (2007, p. 121-122) faz um balanço da situação, ou seja, dos empreendimentos levados adiante, no interior deste projeto, e destaca a obra do psiquiatra fenomenologista italiano Giovanni Stanghellini, conforme segue.

Segundo Stanghellini (2004, p. 111), ouvir uma pessoa esquizofrênica é uma experiência intrigante por mais de uma razão. Se o médico atualizar em si mesmo as experiências relatadas pelo paciente, ou seja, se puser em curso a empatia, a rocha de certezas em que ele assenta sua vida termina abalada. O senso de ser si mesmo; a experiência perceptiva de si como unidade em relação à exterioridade dos objetos e do mundo; o sentimento de que sou eu quem concordo ou discordo de tais ou tais ideias estranhas a mim; o senso da minha pertença a uma comunidade do povo; o senso de minha relação com os outros e de estar envolvido em ações abertas para o futuro... tudo isso pode ser posto em perigo.

Stanguellini, portanto, aceita de Jaspers que há limites para a compreensão empática, mas sublinha que o esforço de compreender, pela suspensão de todo julgamento clínico, permite ver a pessoa do paciente que relata como uma possível configuração da consciência humana, apesar de sua abissal diferença em relação à consciência humana do próprio médico.

A síntese final de Thornton, que reflete seu posicionamento pessoal, mostra-se ambígua. Por um lado, ele considera que o projeto de compreensão empática de Jaspers levado adiante por Stanguellini parece deparar-se ainda e algumas vezes com uma tarefa impossível. Por outro lado, propõe que esta via permite acessar a unidade básica de significação da psicopatologia que é a vida da pessoa individual como um todo.

4. Considerações finais

Passado um século da publicação da *Psicopatologia Geral*, percebe-se que Jaspers abriu um debate ainda não encerrado sobre a função da compreensão fenomenológica na psiquiatria. Dessa forma, a compreensão empática de Jaspers é uma porta de entrada para o conhecimento das diferenças no campo da psicopatologia atual, o que testemunha a vitalidade desta obra centenária.

Quanto à relevância da recepção de Jaspers pela filosofia da psiquiatria, a comemoração do centenário da publicação *Psicopatologia Geral*, neste ano, (ver o fascículo comemorativo de *Schizophrenia Bulletin*, vol. 39, n. 2, janeiro de 2013) indica que, ao menos no ambiente anglo-americano já não se pode passar ao largo dos posicionamentos desta escola (veja-se o artigo de Parmas, Sass e Zahavi, 2013 e o de Stanghellini, Bolton e Fulford, 2013).

Apesar da forte tensão entre posições tão opostas quanto à validade da fenomenologia de Jaspers para o acesso às significações psicóticas, não há conflito quanto à importância fundamental da compreensão empática para as significações neuróticas, o que revela a vitalidade presente da fenomenologia na construção das empiricidades, em nossos dias.

4. Referências

- APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [2000] (2003). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. São Paulo: Artmed, 4^a. Ed. Texto revisado, 1^a. Reimpressão.
- BOLTON, Derek (2004). Shifts in the philosophical foundations of psychiatry since Jaspers: implications for psychopathology and psychotherapy. In: International Review of Psychiatry, vol. XVI, n. 3, p. 184–9
- CAMPBELL, John (2001). Rationality, meaning, and the analysis of delusion. In: Philosophy, psychiatry and psychology, v. VIII, n. 2-3, p. 89-100.

CORREA, Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes (2011). A compreensão na psicopatologia de Karl Jaspers e na psicanálise. In: Mental, v. IX, n. 16, p. 375-96.

DÉFOSSEZ, Laurence (2004). À propos de Kars Jaspers, sa place dans l'histoire de la psychopathologie. À propos de... "Psychopathologie générale" de Kar Jaspers. In: L'évolution psychiatrique, vol. 69, p. 523-31.

FULFORD, K. W. M. (Bill) e SADLER, John Z. (2000) History and philosophy. In: Current Opinion in Psychiatry, vol. 13, p. 679-81.

FULFORD, K. W. M. (Bill). MORRIS, Katherine. SADLER, John. STANGHELLINI, Giovanni (Coord.) (2003). Nature and Narrative: An Introduction to the New Philosophy of Psychiatry. New Delhi: Indian edition. New York: Oxford University Press.

FULFORD, K. W. M. (Bill). THORNTON, Tim. GRAHAM, George (Editores) [2006] (2007). Oxford Textbook of Philosophy of Psychiatry. Oxford: Oxford University Press.

HEINIMAA, Markus L. A. (2000). On the grammar of 'psychosis'. In: Medicine, health care and philosophy, vol. III, p. 39-46.

JASPERS, Karl [1912] (1968). The phenomenological approach in psychopathology. In: *The British Journal of Psychiatry*, v. CXIV, p. 1313-23 [Originalmente publicado em *Zeitschrift fur die gesamte Neurologie und Psychiatrie*, vol. IX, p. 391-408].

JASPERS, Karl [1913] (1985). Psicopatologia geral. Psicologia comprensiva, explicativa e fenomenologia. Trad. do alemão por Samuel Penna Reis. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu (dois volumes).

JASPERS, Karl [1913] (1964). Psicopatologia generale. Trad. da 7ª. ed. alemã (1959) para o italiano por Romolo Priori. Roma: Il pensiero scientifico.

KRAEPELIN, Emil [1920] (2009). As formas de manifestação da insanidade. Trad. do alemão por Mônica Niemeyer In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 12, n. 1, p. 167-194.

PARMAS, Josef. SASS, Louis A., ZAHAVI, Dan (2013). Rediscovering Psychopathology: The Epistemology and Phenomenology of the Psychiatric Object. In: Schizophrenia Bulletin, vol. 39, n. 2, p. 270-277.

RADDEN, Jennifer (Coord.) (2004). The Philosophy of Psychiatry: A Companion. New Delhi: Indian edition. New York: Oxford University Press.

STANGHELLINI, Giovanni (2004). Disembodied Spirits and Deanimated Bodies. Oxford: Oxford University Press.

STANGHELLINI, Giovanni (2012). Jaspers on "Primary" Delusions. In: Philosophy, psychiatry and psychology, vol. 19, n. 2, p. 87-89.

STANGHELLINI, Giovanni. BOLTON, Derek. FULFORD, K. M. (2013). Person-Centered Psychopathology of schizophrenia: building on Karl Jaspers' understanding of patient's attitude toward his illness. In: Schizophrenia Bulletin, vol. 39 no. 2, p. 287-94.

THORNTON, Tim (2007). Essential philosophy of psychiatry. Oxford : Oxford University Press.